



# **ANAI DO CONGRESSO PRÁTICAS SOCIAIS SUSTENTÁVEIS: PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E SAÚDE**

**Data do evento:** 19/07/2013

**Local do evento:** Anfiteatro do CESA - UEL

**Promoção:** Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento

**Cidade:** Londrina

**Coordenação do evento:** Verônica Bender Haydu

**Comissão organizadora:** Luciano Carneiro, Julio Camargo, Diego Marques da Silva Medeiros, Verônica Bender Haydu

**Organização dos anais:** Verônica Bender Haydu

**Comissão Científica:** Julio Camargo e Verônica Bender Haydu

## **APRESENTAÇÃO**

O Congresso Práticas sociais sustentáveis: Psicologia, Educação e Saúde é um evento científico promovido pelo Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento (PGAC) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UEL.

## **OBJETIVO**

O evento tem por objetivo apresentar inovações oriundas de pesquisas científicas, de projetos de intervenção e de experiências realizadas em diversos contextos, com ênfase no desenvolvimento sustentável. Serão feitas exposições e análises da fundamentação teórica sobre cultura, sustentabilidade e desenvolvimento, bem como a discussão de atuação e dos desafios para profissionais da Psicologia, da Educação e da Saúde.

## **PÚBLICO ALVO**

Comunidade acadêmica da UEL e de outras instituições de ensino, bem como o público em geral.

## SUMÁRIO

<b>Práticas sociais sustentáveis: psicologia, educação e saúde.</b> Verônica Bender Haydu, Julio Camargo	4
<b>Por que é tão difícil ser ecologicamente correto?</b> Julio Camargo	8
<b>Comportamento, educação ambiental e o caso do passeio das bacias.</b> <i>Diego Marques da Silva Medeiros, Verônica Bender Haydu</i>	11
<b>O que mais podemos fazer para prevenir e evitar a dengue?</b> Luciano Carneiro e Verônica Bender Haydu	14
<b>Um pequeno jardim e uma significativa contribuição ambiental.</b> José Francisco Haydu, <i>Verônica Bender Haydu</i>	18

## **PRÁTICAS SOCIAIS SUSTENTÁVEIS: PSICOLOGIA, EDUCAÇÃO E SAÚDE**

*Verônica Bender Haydu*

*Julio Cesar Camargo*

Universidade Estadual de Londrina

Os conceitos de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável passaram a ser usados nas últimas décadas para designar um processo que envolve a preocupação com a preservação do meio ambiente e dos recursos naturais, mantendo-se as condições necessárias para a vida saudável do homem. A preocupação maior daqueles que discutem esses conceitos é como satisfazer as necessidades do homem que habita o mundo no presente sem comprometer as necessidades daqueles que habitarão o mundo no futuro. De forma resumida, podemos dizer que o conceito de sustentabilidade se refere a um conjunto de questões relativas a fatores ambientais, como a energia, a água, a terra etc., e fatores sociais, como a economia, a saúde, a educação, enfim, tudo aquilo que promove a qualidade de vida das populações.

No que se refere à qualidade de vida, entendemos que para que ela exista há necessidade de se explorar os recursos naturais. Contudo, a exploração inadequada desses recursos torna-se um grande problema em curto ou em longo prazo, acarretando dificuldades para o meio ambiente e à subsistência, bem como para o convívio pacífico da população. Por exemplo, a vida em sociedade requer que o homem tenha à sua disposição fontes de energia para a produção de alimentos, para seu deslocamento, para seu abrigo e tantas outras necessidades. No entanto, o consumo de energia, que é apenas um desses aspectos, gera uma grande quantidade de resíduos. Esses resíduos se acumulam e afetam a sobrevivência do homem e de outras espécies como os animais e as plantas. Assim, para que ambos sobrevivam (o homem e o meio ambiente), deve-se procurar um equilíbrio entre o que é necessário para a vida e o que não é.

Diante da importância das práticas sociais na possibilidade de viabilizar o que está implicado no conceito de sustentabilidade, devemos considerar as contribuições de estudos das áreas da Psicologia, da Educação, da Saúde, da Antropologia, da Sociologia, para citar apenas algumas. Estudos desse tipo

permitem compreender como funcionam os sistemas sociais e prever o que pode ser feito para que tenhamos condições de um padrão de vida sustentável. Eles envolvem análises complexas e sofisticadas de processos psicológicos, sociais e culturais, os quais estão mutuamente implicados, e que certamente estão escritos numa linguagem acessível àqueles que vivenciam o meio científico, mas não ao cidadão comum. Assim, a falta de acessibilidade e de compreensão do que é produzido no meio acadêmico pode ser uma barreira para que um maior número de pessoas se envolva, se preocupe e se comporte de forma sustentável.

Na tentativa de enfrentar o problema da pouca disponibilidade de informações e do pequeno número de atividade pró-ambientais praticadas pelo cidadão comum, algumas questões podem ser levantadas: Será que existem padrões comportamentais que podem ser desenvolvidos e observados por aqueles que vivenciam o dia a dia das comunidades e das cidades? Será que o cidadão comum pode fazer algo e contribuir para um desenvolvimento sustentável?

A resposta para ambas as questões é sim!

Um número muito grande de pequenas coisas podem em conjunto representar uma grande contribuição para o desenvolvimento sustentável. A seguir serão dados alguns exemplos relacionados à Educação Ambiental, à educação para saúde e um exemplo de como a Psicologia pode nos ajudar a não deixarmos para as futuras gerações a responsabilidade e as consequências de nossos comportamentos.

Um desses exemplos refere-se à preocupação com o caminho das águas na cidade. Essa é uma preocupação legítima do ponto de vista ambiental, que enfatiza a preservação e a despoluição das microbacias hidrográficas urbanas e a preservação do solo. Para compartilhar essa preocupação e poder promover ações pró-ambientais, a ONG Meio Ambiente Equilibrado (MAE), de Londrina (PR), desenvolveu um projeto de Interpretação Ambiental que busca levar as pessoas em trilhas urbanas para vivenciarem os problemas de ordem ambiental causados pelo homem. Durante a caminhada - o Passeio das Bacias - são abordadas questões e são feitas demonstrações

referentes a problemas dos esgotos, das galerias pluviais, do ciclo da água, dos dejetos jogados nos bueiros, da erosão etc.

A questão do trajeto das águas também é preocupação quando ponderamos sobre a pavimentação exagerada das áreas urbanas, reduzindo de forma significativa a área de absorção das águas da chuva e aumentando o volume das enxurradas. Cada família que mora em residências com quintais ou em condomínios pode contribuir, nesse caso, de forma bastante simples, com o cultivo de um jardim. Esse comportamento adotado coletivamente torna o ambiente melhor em vários aspectos, não só diminuindo o impacto das águas, mas melhorando a qualidade do ar, pois a fotossíntese que as plantas fazem devolve oxigênio à atmosfera. A qualidade do ar que respiramos afeta de forma direta a nossa saúde.

Ao questionarmos fatores relativos à saúde podemos destacar outro problema que nós brasileiros estamos enfrentando que é a elevada incidência de casos de Dengue. Esse problema surge principalmente porque a população das comunidades e cidades que mantêm materiais que acumulam água, onde o mosquito *Aedes aegypti*, vetor da dengue, se reproduz. Esse mosquito infectou inúmeras pessoas a ponto disso se tornar um problema de saúde pública. Para combater a proliferação do mosquito, o governo, por meio de campanhas publicitárias, instrui a população sobre o que deve ser feito. As campanhas têm, no entanto, um efeito restrito, e provavelmente se observa o seguimento das regras porque não segui-las leva a advertências e autuações.

Uma alternativa ao controle aversivo feito atualmente será testada num projeto de pesquisa a ser desenvolvido por pesquisadores da Universidade Estadual de Londrina (UEL), o qual visa investigar o efeito que mudança de comportamento de crianças e jovens com relação às práticas de combatem o mosquito *Aedes aegypti*. Para esse estudo, será usado um o jogo de tabuleiro “*Nossa Turma contra a Dengue*”, elaborado por um grupo de pesquisadores da Universidade Federal do Espírito Santo, coordenado pelo prof. Dr. Elizeu Borloti. Esse jogo visa ensinar as regras de combate ao mosquito e o estudo tem como objetivo principal comparar a eficácia e a eficiência de diferentes formas de ensino de comportamentos de prevenção e combate a produtos de risco para criadouros do *Aedes aegypti*.

Finalmente, destacamos um aspecto relevante do ponto de vista psicológico, que é a da procrastinação, um termo que se refere ao adiamento de tarefas. Se as pessoas não adiassem tarefas, se elas não postergassem e transferissem responsabilidades com o meio ambiente, provavelmente não teríamos problemas ambientais e possivelmente não estaríamos discutindo sustentabilidade. Contudo, a falta de tempo e de condições para uma atividade de preservação, como a simples separação do lixo reciclável de forma apropriada, é uma das “desculpas” que mais se ouve. O planejamento inadequado de compromissos e um mau gerenciamento do tempo podem ser a origem da procrastinação associada a uma prática social que foi estabelecida que é a de responsabilizar os outros por aquilo que deixamos de fazer. A superação e/ou extinção do comportamento de procrastinar pode representar um grande avanço para o desenvolvimento sustentável.

Assumir responsabilidade com o meio ambiente é uma prática social que começa com atividades simples e até prazerosas como cultivar um jardim e não tem um limite que restringe o que nós cidadãos podemos fazer. Para finalizar cabe bem a máxima que tem sido ouvida sempre que se fala em sustentabilidade: **“COMPORTAMENTOS INDIVIDUAIS PODEM ALCANÇAR TRANSFORMAÇÕES GLOBAIS!”**

## **POR QUE É TÃO DIFÍCIL SER ECOLOGICAMENTE CORRETO?**

*Julio Camargo*

Universidade Estadual de Londrina

Tenho profunda admiração pelas pessoas que se engajam em ações sustentáveis. Cultivar um jardim, plantar uma árvore e ensinar crianças sobre a importância de preservar o meio ambiente são exemplos de atitudes diárias que contribuem para a construção de um futuro melhor para todos. Mas tenho que confessar uma coisa: eu não sou uma dessas pessoas (e acredito que grande parte da população também não seja). Para mim, tarefas relativamente simples como separar adequadamente o lixo para ser reciclado ou apagar as luzes ao deixar um ambiente se tornam pequenos sacrifícios ou são deixadas de lado por pura falta de atenção (para não dizer preguiça). O leitor pode até achar meu ponto de vista um tanto quanto pessimista, mas penso que existe um lado positivo nisso tudo: assumir que ajudar na preservação ambiental não é algo fácil para a maior parte das pessoas pode ser um primeiro passo se quisermos entender a situação e, assim, promover ações para mudar esse quadro. Diante disso, a primeira pergunta que faço é a seguinte: Afinal, por que é tão difícil ser ecologicamente correto?

Acredito que boa parte da explicação resida na história de vida de cada um. Pessoas que tiveram maior contato com a natureza durante a infância, principalmente as que puderam verificar diretamente o impacto das próprias ações sobre o ambiente, têm uma maior probabilidade de se engajarem em ações pró ambientais e manterem tais ações ao longo da vida. As gerações mais recentes, de crianças nascidas na última década, por exemplo, estão em vantagem no sentido de terem nascido em uma época em que a ideia de sustentabilidade está em constante debate e a educação ambiental tem sido largamente incentivada, se compararmos com tempos atrás. Desse modo, fica mais fácil para elas aprenderem desde cedo a se comportarem de maneira adequada, tornando corriqueiras atividades que são bastante custosas para pessoas de gerações anteriores, da qual faço parte.

Pessoas da minha geração, aquelas que passaram a infância na década de 80 e começo dos anos 90, podem ser consideradas verdadeiras entusiastas



da produção de lixo. Em nome da praticidade do dia a dia, vimos surgir itens descartáveis de todos os tipos. As garrafas PET, por exemplo, nos poupou de ter que carregar as pesadas garrafas de vidro até o supermercado quando queríamos comprar um refrigerante. As sacolinhas plásticas, então, surgiram como verdadeiras heroínas para aqueles que dependiam dos velhos carrinhos de feira ou embalagens de papel pouco confiáveis. Demorou um bom tempo para percebermos que tudo isso teria um preço alto: um impacto ambiental a ser pago por nós mesmos e pelas gerações futuras. Tempo suficiente para nos acostumarmos com uma vida facilitada e, desse modo, acharmos difícil nos empenharmos em ações alternativas que favoreçam a preservação do meio ambiente.

Em tal contexto, aparece uma palavra provavelmente tão feia quanto os fatos a quais se refere: PROCRASTINAÇÃO. Procrastinar se refere, de modo singelo, à arte de deixar tudo para a última hora. Isso não acontece, é claro, com as coisas que gostamos de fazer. Nessas nos engajamos prontamente. Por outro lado, procuramos adiar ao máximo as tarefas que consideramos chatas ou trabalhosas. Seja um trabalho da faculdade, o começo de uma dieta, uma consulta ao médico etc., a ideia é nos empenharmos ao máximo somente quando o prazo já está se esgotando ou quando nossa saúde piora de vez. Quando não há prazos ou efeitos perceptíveis então, piorou. Aí a tendência é nem começarmos.

Com as questões ecológicas não é diferente. Só compramos uma nova geladeira com padrão A de consumo quando o velho (e nada econômico) refrigerador já não tem mais conserto. Trocamos as lâmpadas incandescentes por fluorescentes apenas quando elas queimam. Separamos o lixo para reciclagem quando já não há mais nada de interessante para ser feito na cozinha. Tal situação se agrava se pensarmos que as questões ambientais não possuem um tempo limite claro e os efeitos muitas vezes não são evidentes. Nosso lixo é levado para aterros longe de nossa vista, dificultando que tenhamos uma ideia dos impactos ambientais produzidos. O desperdício de energia hoje em dia, talvez só venha a ter um impacto para as futuras gerações e normalmente estamos preocupados com questões mais imediatas, como o conforto de um banho quente e demorado.

O que podemos fazer então para nos livrarmos da procrastinação e ajudarmos a preservar o meio ambiente? Começar por estratégias que já utilizamos em outras situações pode ser uma boa ideia: utilizamos agendas e despertadores para conseguirmos fazer tudo no tempo adequado; compramos alimentos mais saudáveis para evitar as tentações calóricas em uma dieta; fazemos promessas para tentar diminuir o consumo de cigarros e melhorar a saúde; arrastamos nossos amigos para fazer caminhadas, como um incentivo a mais na busca por atividades físicas regulares. Podemos então, repetir a dose para as questões ambientais, por exemplo: utilizar despertadores para controlar o tempo no banho (ver os efeitos sobre o valor da conta de luz posteriormente será ainda mais motivador); colocar avisos próximos aos interruptores para nos lembrarmos de apagar as luzes; comprar eletrodomésticos mais econômicos e carros menos poluentes; assumir publicamente o compromisso de consumir menos água ou energia; vincular a prática da reciclagem com atividades manuais divertidas, como a produção de novos objetos.

Essas são apenas algumas sugestões e pensar em novas ações não possui limites. Muitas dessas ações são simples, mas que, ao serem utilizadas por todos nós no dia a dia, podem ter ótimos efeitos em curto ou em longo prazo, no sentido de promover a preservação do meio ambiente em que vivemos. Com o tempo, é provável que tais tarefas se tornem corriqueiras também para nós, de forma que será natural e prazeroso realizá-las, e nos engajaremos nelas prontamente, sem a necessidade de estratégias complementares.

## **COMPORTAMENTO, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O CASO DO PASSEIO DAS BACIAS**

*Diego Marques da Silva Medeiros*

*Verônica Bender Haydu*

Universidade Estadual de Londrina

Estudos científicos da área da Análise do Comportamento nos indicam porque é tão árdua a tarefa de enfrentamento das crises ambientais. Um dos aspectos a ser destacado é que a maior parte dos problemas que enfrentamos atualmente é decorrente do nosso próprio comportamento. A exceção são os desastres naturais, como os terremotos e os furacões, mas esses eventos não geram tantos transtornos à vida quanto aqueles cuja principal causa é atribuída à atividade humana.

Uma vez que grande parte do comportamento humano é aprendida devido a suas consequências imediatas, deve-se focalizar nesse aspecto a análise das contingências geradoras dos problemas ambientais. As consequências dos problemas que afetam e prejudicam o meio ambiente encontram-se, de forma geral, distantes das ações que as produziram, o que dificulta o processo de aprendizagem de comportamentos eficientes a respeito das questões ambientais. Assim, para que muitos problemas ambientais possam ser solucionados é relevante que os educadores ambientais planejem atividades que levem as pessoas a vivenciarem as consequências dos atos prejudiciais ao meio ambiente social e natural.

A vida na cidade e dentro de uma cultura da informação pode alienar as pessoas para as relações que estabelecem com os demais elementos do ambiente. Com a crescente especialização do trabalho e com tantos aparatos tecnológicos que facilitam o dia a dia, os indivíduos não mais participam de muitas etapas essenciais para suas vidas, como o tratamento do lixo, a produção dos alimentos e a construção da infraestrutura urbana. Esses fatores causam um tipo de afastamento espacial das pessoas para com as consequências de seus atos. A poluição causada pelo lixo, por exemplo, ocorre em locais distantes da maioria, como em aterros, lixões, fundos de vale e rios, e a única tarefa do cidadão é a de acondicionar seus resíduos e disponibilizá-

los para serem absorvidos por um sistema tecnológico de coleta e tratamento. A urbanização também trás problemas intrínsecos a ela; um dos principais é a impermeabilização do solo pela pavimentação, o que leva a construção de sistemas artificiais para o escoamento da água até os rios (galerias pluviais), mas que são poluentes no sentido de que carregam grande parte da poluição residual da cidade, poluindo as águas. Além disso, muitos desses sistemas são insuficientes para a tarefa e, ao se somar à poluição urbana, entopem e causam enchentes e enxurradas que destroem o solo, a infraestrutura urbana e causam acidentes, gerando problemas principalmente às comunidades mais carentes.

A Educação Ambiental é um movimento político e pedagógico que busca conscientizar as pessoas para com as consequências de seus comportamentos. Muitos esforços nesse sentido são feitos principalmente nos ambientes formais de educação e por meio das mídias de massa. Os professores abordam sobre os assuntos dentro do limite curricular de suas disciplinas e muitas campanhas televisivas vêm sendo produzidas e mostram imagens chocantes sobre os impactos que são causados ao meio. No entanto, tais recursos educacionais ainda se mostram insuficientes e muitos comportamentos que parecem simples e cotidianos continuam a causar grandes impactos e se mantêm como práticas culturais. Assim, se faz importante o planejamento de outras atividades que eduquem os cidadãos e que os aproximem ainda mais das consequências de seus atos. A Interpretação Ambiental é uma atividade de Educação Ambiental que procura intervir nesse sentido, pois aborda sobre as questões na presença dos objetos em questão, levando os cidadãos a vivenciarem de maneira mais próxima os problemas causados por muitas de suas práticas diárias.

A ONG Meio Ambiente Equilibrado (MAE), de Londrina (PR), desenvolveu um projeto de Interpretação Ambiental que busca levar as pessoas em trilhas urbanas para vivenciarem os problemas de ordem ambiental e social causados por muitos comportamentos habituais da cultura vigente. A atividade permeia o tema microbacias hidrográficas urbanas e as trilhas percorrem o caminho das águas da chuva na cidade: do alto dos morros até o fundo dos vales. Os educadores abordam sobre pavimentação urbana,

galerias pluviais, ciclo da água, temas esses sempre relacionados às atividades do indivíduo em sua cidade. Nessa atividade, a audiência tem a oportunidade de vivenciar presencialmente muitas situações que escapam da percepção cotidiana distraída. Por meio do Passeio das Bacias pretende-se que os cidadãos passem a pensar nos impactos de suas atividades diárias dentro das microbacias em que vivem e entendam que esses impactos têm consequências que afetam, em maior grau, a si próprios e as comunidades da qual fazem parte. Ademais, importa frisar que a atividade pode ser realizada com qualquer tipo de público, os assuntos tratados são os mesmo mudando apenas o enfoque dado.

Para o aprendizado acerca do meio ambiente e das crises enfrentadas na atualidade, é importante que as pessoas vivenciem os mais variados tipos de situações, que lhes garantam entrar em contato cada vez mais com as consequências de seus atos. É nesse sentido que os educadores atuam no Passeio das Bacias, atentando para importância das consequências da atividade humana para a formação dos cidadãos, assim, de uma cultura socialmente justa e ecologicamente sustentável. Acredita-se que a Educação Ambiental é o principal caminho para o tratamento efetivo das crises ambientais, o que reclama por atividades educativas mais contextualizadas, diversificadas e persistentes nos cotidianos das pessoas.

## **O QUE MAIS PODEMOS FAZER PARA PREVENIR E EVITAR A DENGUE?**

*Luciano Carneiro*

*Verônica Bender Haydu*

Universidade Estadual de Londrina

A dengue é um problema que pode ser considerado antigo e bem conhecido por nós. Todos os anos, vemos nos noticiários os elevados números de casos registrados em todo o Brasil. De janeiro a março de 2013, por exemplo, houve um aumento de 297% de pessoas infectadas em relação ao mesmo período de 2012. Apenas no estado do Paraná, foram notificados mais de 43 mil casos de dengue no período de janeiro a junho de 2013. Os números são ainda mais preocupantes se considerarmos o problema em nível mundial: uma notícia veiculada em abril deste ano informou que a estimativa de casos de dengue em todo o mundo alcança a casa dos 390 milhões. Esse elevado número de pessoas infectadas sobrecarrega o sistema de saúde e muitas mortes são registradas.

Se o problema da dengue é antigo e bem conhecido, as soluções para evitá-lo também são. Certamente você que está lendo este texto é capaz de dizer algumas ações simples para combater a dengue. Você diria, provavelmente, que é necessário: “colocar areia nos pratinhos dos vasos de plantas, tirar água de pneus expostos ao tempo e cobri-los, guardar garrafas viradas para baixo, etc.” Outras ações também são possíveis: desobstruir calhas e lajes (pois podem acumular folhas de árvores e conseqüentemente acumular água), tampar tonéis e caixas d’água, acondicionar o lixo em latões tampados e quaisquer outras ações que não permitam que água fique acumulada. Conhecemos essas ações porque elas são veiculadas diariamente na TV, rádio, jornais e revistas, *outdoors*, *busdoor* (propagandas nos ônibus do transporte coletivo), cartazes e panfletos. Embora essas propagandas sejam de fácil acesso à grande maioria da população, podemos perguntar: Elas têm sido efetivas?

Não podemos negar que as estratégias descritas no parágrafo anterior contribuem para o controle da dengue. Entretanto, se considerarmos o número ainda elevado de casos, podemos dizer que elas não têm sido suficientes. Um

dos motivos é que essas estratégias conseguem ensinar as pessoas a *falarem* sobre a dengue, mas não conseguem garantir que as pessoas *façam* o que dizem.

Por que não fazemos o que falamos? Uma das razões é que as consequências (ficar doente – com dengue) das nossas ações (não prevenir a dengue) estão distantes no tempo ou julgamos que são improváveis. Quem nunca pensou, por exemplo, “não vai acontecer comigo”? Por essa razão, as ações de combate e prevenção à dengue devem produzir consequências imediatas, que nos motivem a nos engajarmos nessas ações.

O governo estabeleceu algumas estratégias para que haja um motivo para ações de prevenção da dengue. São as visitas sistemáticas dos agentes da saúde e as consequências por eles fornecidas quando fazemos ou não a nossa parte. Ou seja, quando nosso quintal tem focos de reprodução do mosquito *Aedes aegypti*, somos notificados por escrito e depois somos multados se não tivermos tomado providências.

Outras estratégias podem ser acrescentadas a essas do Governo, as quais derivam de estudos científicos desenvolvidos por analistas do comportamento em pesquisas sobre engajamento das pessoas em comportamentos pró-ambientais (também conhecidos como comportamento sustentáveis). Algumas delas podem ser aplicadas ao problema da dengue e serão citadas a seguir. São estratégias que podem ser combinadas para serem desenvolvidas em grupos, seja nos bairros, nos condomínios, nas empresas ou nas escolas.

Para combater a dengue, podemos começar com a *informação* detalhada sobre o assunto, explicando as causas da doença, os sintomas, as consequências imediatas e aquelas em longo prazo, conforme já é feito pelo Governo. Combinado com informação pode-se ainda realizar as seguintes ações:

- 1) *compromisso público*, no qual os envolvidos se comprometem publicamente a contribuir com a eliminação de materiais que acumulem água. Isso pode ser feito, por exemplo, com a assinatura de um contrato simbólico entre moradores de um bairro ou de um condomínio;

- 2)  *sinalizações e cartazes* podem ser afixados próximos a locais onde a água frequentemente se acumula, indicando que ela precisa ser eliminada;
- 3) *demonstrações práticas* (ao vivo) em reuniões de grupos de diferentes origens sobre como podemos evitar o acúmulo de água ou como lavar adequadamente os materiais que a acumulam, dando oportunidade para que dúvidas sejam sanadas;
- 4) *mudanças no ambiente físico*, como dispor lixeiras em locais onde há grandes chances das pessoas jogarem o lixo fora do cesto, o que evita que um copo plástico, por exemplo, fique exposto a chuvas e acumule água;
- 5) *fornecimento de feedbacks* sobre o desempenho das pessoas, informando a quantidade de criadouros da dengue que foi eliminada ou quanto falta para que uma meta estabelecida seja alcançada;
- 6) *programar o fornecimento de prêmios* para o comportamento adequado das pessoas: descontos na compra de produtos, cupons para sorteio de brindes e fornecimento de fichas que poderão ser trocadas por produtos ou brindes.

No município de Macatuba/SP, o Prof. Dr. Kester Carrara e sua equipe da UNESP de Bauru realizaram uma pesquisa em que combinaram a estratégia informativa e o fornecimento de cupons para serem trocados por brindes. A equipe de pesquisa fez uma parceria com a prefeitura da cidade e acompanhou os Agentes Comunitários de Saúde nas visitas a cerca de 300 residências. A população recebeu uma cartilha informativa sobre a dengue e sobre o funcionamento do projeto. A cada visita, a equipe fornecia um cupom verde quando não havia focos de dengue ou materiais de risco para criadouros de dengue, e um cupom amarelo quando havia materiais de risco. Quando havia ovos e larvas de dengue, os moradores não recebiam cupons. Após alguns meses, os moradores puderam trocar os cupons por produtos de higiene, produtos de consumo alimentar e materiais escolares. Como resultado, houve redução do número de focos de dengue, bem como do número de infecções.



Atualmente, outra estratégia tem sido avaliada. Uma pesquisa de mestrado (mestrado em Análise do Comportamento da UEL) será desenvolvida para avaliar se o jogo de tabuleiro “Nossa Turma contra a Dengue”, desenvolvido pelo Prof. Dr. Elizeu Borloti da Universidade Federal do Espírito Santo, é capaz de ensinar crianças quais são as consequências de não se prevenir a dengue e o que fazer para preveni-la. A pesquisa pretende também comparar a efetividade do jogo com a exposição das crianças apenas às propagandas veiculadas pelo Governo. Acreditamos que as crianças que participarem do jogo aprenderão a combater a dengue e não apenas a repetir as instruções de como combatê-la. Se isso for comprovado, poderemos utilizar o jogo para promover campeonatos em escolas ou nos bairros, a fim de ensinar maior número possível de crianças e, dessa forma, instituir um padrão comportamental social de prevenção da dengue.

## **UM PEQUENO JARDIM E UMA SIGNIFICATIVA CONTRIBUIÇÃO AMBIENTAL**

*José Francisco Haydu*

*Verônica Bender Haydu*

Universidade Estadual de Londrina

Seres humanos passaram a se concentrar em cidades e as sucessivas gerações estão cada vez mais destruindo a natureza e perdendo o contato com ela. O homem está modificando tão drasticamente o meio ambiente de forma que o que está restando é um ambiente incompatível para as demais espécies e para ele mesmo. A maioria das pessoas que vive nas cidades e que usa as estradas, as ferrovias, o combustível, a água dos reservatórios, nem desconfiam que para isso, recursos naturais são consumidos. As florestas são derrubadas e fragmentadas, o solo cultivado, cursos de água desviados e resíduos são descartados. Quase nenhum benefício retorna ao meio ambiente.

Com a urbanização a água, o ar e o solo, tão necessários à vida, tornam-se fatores de risco. Essa é a receita perfeita ao desastre em escala global que está sendo preparada para as próximas gerações. O planeta não poderá sustentar esse tipo de crescimento infinitamente e não existem continentes a serem descobertos e colonizados. Por essa razão, é muito importante que o homem modifique seu comportamento para continuar existindo no futuro. A fórmula para se atingir isso é descobrir e praticar um desenvolvimento sustentabilidade.

Numa visão geral, a população geral precisa parar de crescer desordenadamente, os métodos de agricultura precisam evoluir, ambientes degradados necessitam restauração e tantas outras providências. Enganam-se os que esperam que ocorram ações governamentais coordenadas para “sanear” o planeta. Os países e suas políticas de interesses estão fragmentados demais para isso. Numa visão mais pessimista, parece que a humanidade deve caminhar ao desastre primeiro para que providências sejam tomadas. No entanto, existem visões mais otimistas que apontam em direção contrária. São iniciativas de alguns países ou comunidades que mostram soluções para problemas crônicos de alguns locais e que podem ser adotados

em outros. Para que isso seja viável, devem ocorrer mudanças no comportamento das pessoas, o que pode não estar de acordo com os interesses de cada um.

Nós que moramos em áreas urbanas, temos “necessidades” que parecem conflitar muito com o conceito de sustentabilidade. Vamos refletir apenas sobre uma delas e analisar seu impacto. Moramos em uma pequena porção de terra, limitada por quatro muros onde temos uma casa. As ruas próximas, bem como as calçadas são pavimentadas, porque além de nós, nossos vizinhos querem se locomover com comodidade. Então, façam para si a pergunta.

- Quando chove, para onde vai a água?

Todos sabem responder. A água do telhado vai pelas calhas para a rua, cai nos bueiros e vai para ...

Desse ponto em diante, menos pessoas sabem o trajeto das águas. Se assistirmos os noticiários em dias de chuvas fortes e formos sensíveis, saberemos as respostas. O que não sabemos é que podemos amenizar os efeitos na origem de tudo, a partir de nossas casas. Pavimentando apenas o essencial e cultivando um jardim: árvores, arbustos e grama. Dessa forma, estaremos mantendo a permeabilidade do solo, para que menos água siga o caminho citado – a enxurrada. Pode haver um custo, mas se esse simples comportamento de cultivar as plantas for adotado coletivamente, o ambiente se torna melhor. Além dos nossos quintais, calçadas e praças devem receber o mesmo tratamento. Uma vez tendo-se aumentado as áreas verdes ao nosso redor, podemos sofisticar o nosso conhecimento em botânica, selecionando espécies mais adequadas à manutenção da fauna, particularmente os pássaros.

A observação de aves pode ser um *hobby* não muito caro, se você atrair aves para seu quintal, não terá que prendê-los em gaiolas ou cercados. A vegetação lhes proporcionará insetos e frutos, além de abrigo. Uma das opções que pode ser bastante agradável é a visita de beija-flores. Nesse caso, podemos selecionar plantas específicas que os atraem e associar ao prazer da observação e da jardinagem outras atividades como a fotografia, e a

participação em grupos que praticam esse três tipos de hobby – a fotografia, a observação de aves e a jardinagem.

Cultivar um jardim favorece, portanto, um conjunto de atividades que vão desde a preservação do meio ambiente com a absorção das águas, evitando ou diminuindo as enxurradas; e com possibilidade de promover a biodiversidade tanto em relação à flora quanto à fauna. Dessa forma, podemos tornar o ambiente urbano mais agradável e saudável, e podemos criar uma área de lazer para nossa família encontrando modos saudáveis de entretenimento. O que muito não sabem é que atividades desse tipo são formas de combate à depressão, que vem sendo considerada o problema psicológico do século.